

Se todos refugiados vivessem em um só lugar, formariam o 17º país mais populoso do mundo | Carta semanal 42 (2021)



Jaime de Guzman (Filipinas), *Metamorphose II*, 1970.

Queridos amigos e amigas,

Saudações do **Instituto Tricontinental de Pesquisa Social**.

Em 5 de outubro, o Conselho de Direitos Humanos das Nações Unidas aprovou uma **resolução** histórica e não juridicamente vinculativa que “reconhece o direito a um meio ambiente seguro, limpo, saudável e sustentável como um direito humano que é importante para o gozo dos direitos humanos”. Esse direito deve forçar os governos que se sentarão à mesa na Conferência sobre Mudança Climática da ONU, a COP 26, em Glasgow (Escócia), no final deste mês, a pensar sobre os graves danos causados pelo sistema contaminante que molda nossas vidas. Em 2016, a Organização Mundial da Saúde (OMS) **apontou** que 92% da população mundial respira ar de qualidade tóxica; no mundo em desenvolvimento, **98% das crianças** menores de cinco anos sofrem com esse ar de má qualidade. O ar poluído, principalmente por emissões de carbono, **resulta em 13 mortes** por minuto em todo o mundo.

Essas resoluções da ONU podem ter um impacto. Em 2010, a Assembleia Geral da ONU aprovou uma **resolução** para o “direito humano à água e ao saneamento”. Como resultado, vários países – como México, Marrocos, Níger e Eslovênia, para citar alguns – **adicionaram esse direito à água** em suas constituições. Mesmo essas regulamentações sendo um tanto **limitadas** – com pouca incorporação de gestão de águas residuais e meios culturalmente apropriados para o fornecimento – elas tiveram um efeito imediato e positivo com milhares de famílias agora conectadas a água potável e redes de esgoto.

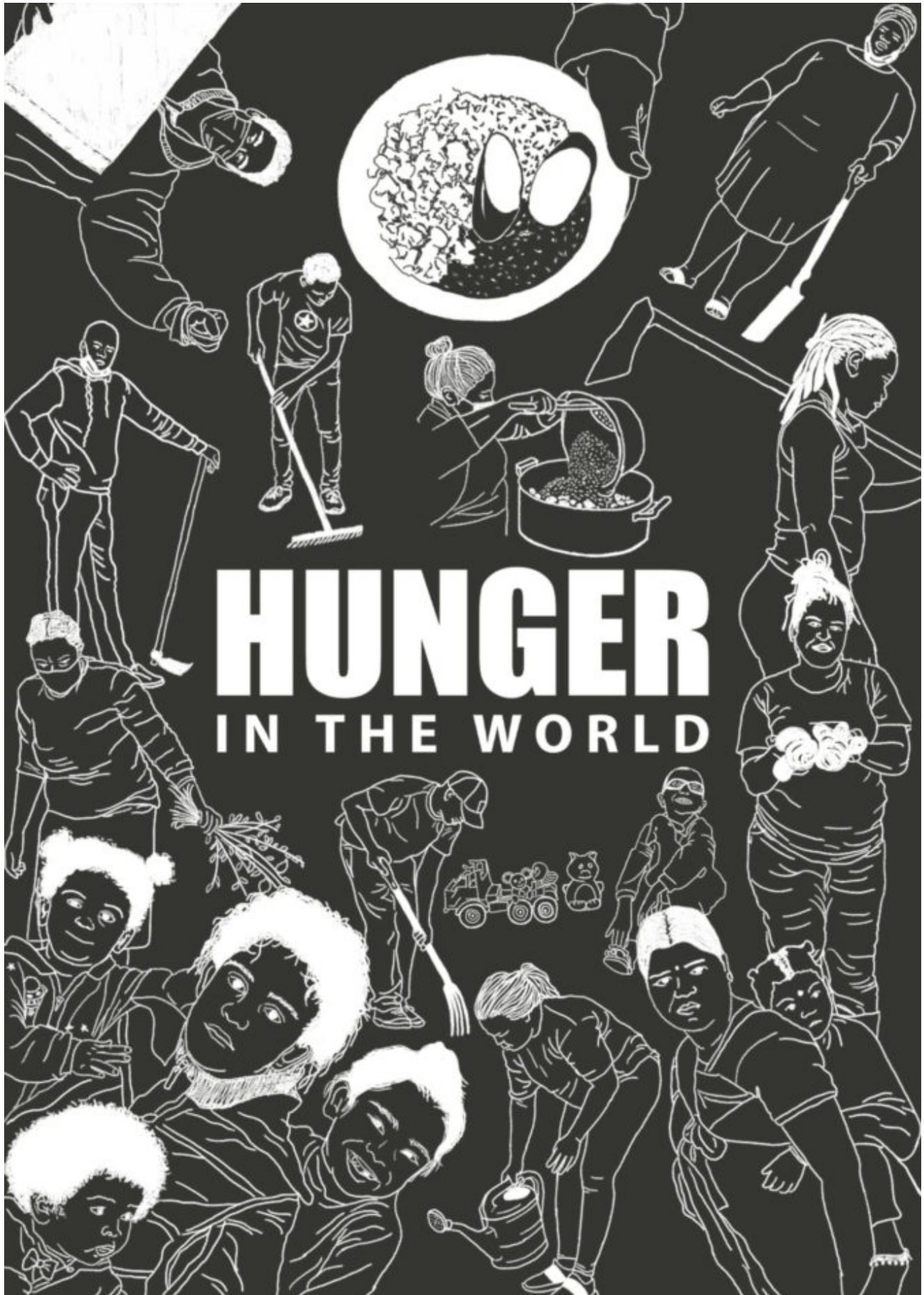


Kim in Sok (República Democrática da Coreia), *Banho de chuva no ponto de ônibus*, 2018.

Um dos maiores absurdos de nosso tempo é aquele produzido pelo barulho ensurdecedor da fome que **aflige uma em cada três pessoas no planeta**. Por ocasião do Dia Mundial da Alimentação, sete veículos de comunicação – ARG Medios, Brasil de Fato, Breakthrough News, Madaar, New Frame, Newslick e Peoples Dispatch – produziram em conjunto o especial **Fome no Mundo**, olhando a situação da fome nos países em todo o globo, como a pandemia de Covid-19 afetou esse problema e o que os movimentos populares têm feito para responder a essa realidade catastrófica. O ensaio de encerramento apresenta um discurso proferido pelo presidente da organização de moradia sul-africana Abahlali baseMjondolo, S’bu Zikode. “É moralmente errado e injusto que as pessoas morram de fome na economia mais produtiva da história da humanidade”, disse Zikode. “Existem recursos mais que suficientes para alimentar, abrigar e educar cada ser humano. Existem recursos suficientes para abolir a pobreza. Mas esses recursos não são usados para atender às necessidades das pessoas; em vez disso, são usados para controlar países, comunidades e famílias pobres”.

Na introdução de *Fome no Mundo*, escrita por mim, Zoe Alexandra e Prasanth R. do **Peoples Dispatch**,

abordamos o atual estado da fome e como chegamos até aqui, bem como uma visão de futuro criada pelos movimentos populares nas fissuras do presente. Abaixo está um breve extrato de nossa introdução.



Em maio de 1998, o então presidente de Cuba Fidel Castro participou da Assembleia Mundial da Saúde na cidade suíça de Genebra. Este é um encontro anual realizado pela Organização Mundial da Saúde (OMS). Castro focou sua atenção na fome e na pobreza que, segundo ele, causam muito sofrimento. “Em nenhum lugar do mundo”, disse, “em nenhuma guerra ou ato genocida existem tantas pessoas morrendo a cada minuto, a cada hora e dia, do que aquelas que morrem por fome e pobreza em nosso planeta.”

Dois anos após o discurso de Castro, o Relatório Mundial da Saúde, publicado pela OMS, **acumulava** dados sobre mortes relacionadas à fome. O número total de óbitos **superava 9 milhões por ano**, sendo 6 milhões deles entre crianças menores de cinco anos de idade. Isso significa que, em média, 25 mil pessoas morriam então todos os dias em decorrência da fome e pobreza. Estes números superam em muito o de mortos durante o genocídio ocorrido em 1994, em Ruanda, cujo número total é estimado em meio milhão. Há debate acerca do genocídio ruandês – discussão necessária, por sinal –, contudo nenhuma atenção é direcionada ao genocídio dos pobres que morrem de fome. Por isso, Fidel Castro fez esse comentário na Assembleia.



Elisabeth Voigt (Alemanha), *A guerra camponesa*, c. 1930.

Em 2015, a Organização das Nações Unidas (ONU) adotou um plano para alcançar alguns dos Objetivos de

Desenvolvimento Sustentável da **Agenda 2030**. O objetivo número 2 é “acabar com a fome, alcançar a segurança alimentar e melhorar a nutrição, e promover a agricultura sustentável.” Naquele ano, a Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO) começou a acompanhar um aumento no número total de pessoas famintas no mundo. Seis anos depois, a pandemia de Covid-19 destruiu um planeta já frágil, intensificando os *apartheids* frutos da ordem capitalista internacional. Os bilionários multiplicaram por dez as suas fortunas, enquanto que a maioria da população se viu forçada a sobreviver dia a dia, uma refeição por vez.

Em julho de 2020, a Oxfam divulgou o **relatório** “O Vírus da Fome”. Com dados do Programa Alimentar Mundial, o documento informa que, antes do final do ano, 12 mil pessoas “podem morrer diariamente de fome em consequência dos impactos sociais e econômicos da pandemia, talvez mais mortes do que os óbitos pelo novo coronavírus no mesmo período”. Em julho de 2021, as Nações Unidas **anunciaram** que o mundo está “tremendamente fora do caminho” para poder alcançar os objetivos da Agenda 2030. A ONU **citou** que, em 2020, “mais de 2,3 bilhões de pessoas (ou 30% da população mundial) não tiveram acesso à alimentação adequada ao longo do ano”, o que caracteriza insegurança alimentar severa.

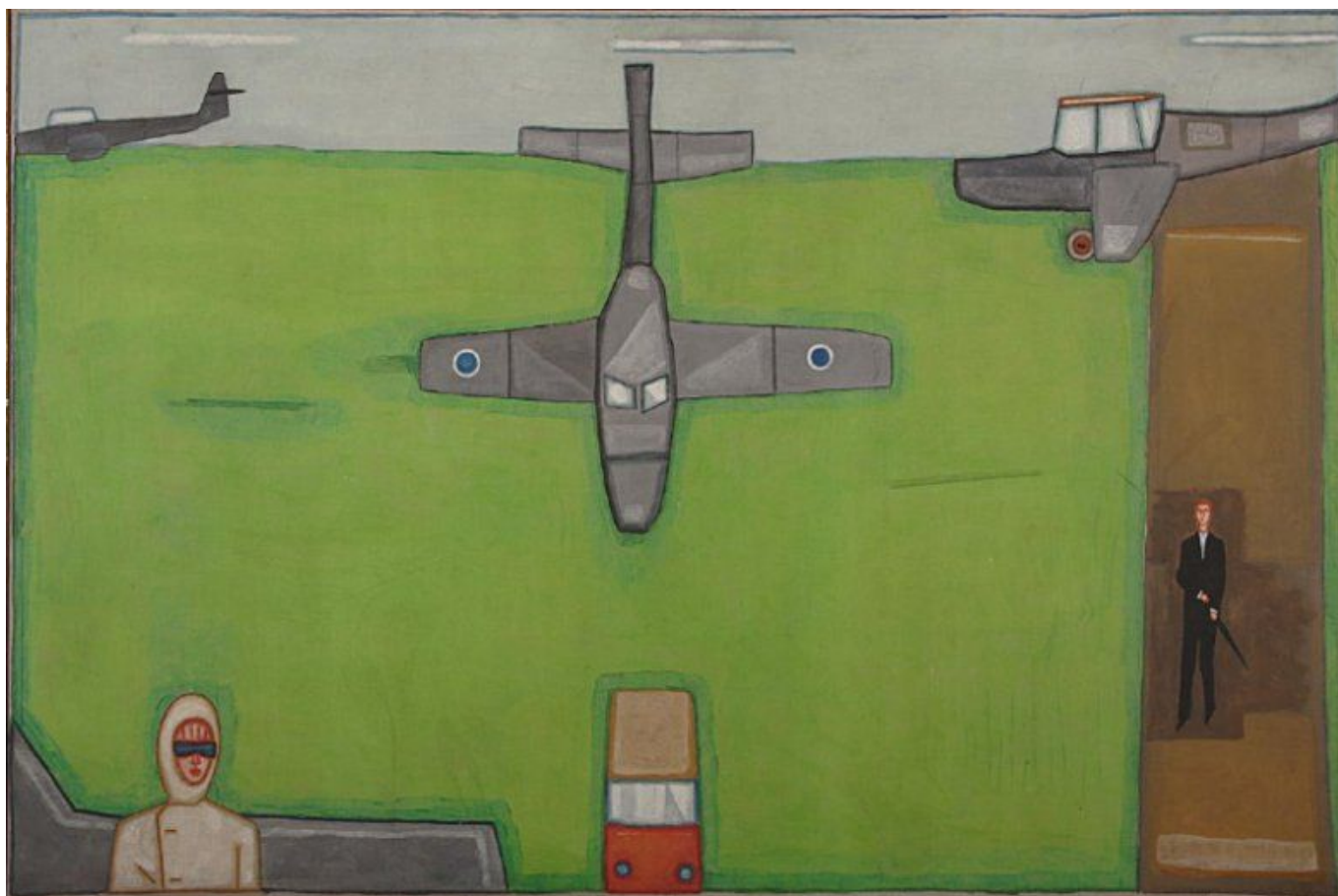
Publicado em 2020, o relatório “**Estado da Insegurança Alimentar e Nutrição no Mundo**”, da FAO, destaca que “quase uma em cada três pessoas no mundo (2,37 bilhões) não tiveram acesso adequado a comida em 2020 – um aumento de quase 320 milhões de pessoas em apenas um ano”. A fome é intolerável. Protestos por alimentos estão agora em evidência, como no caso dramático da África do Sul. “Eles estão nos matando de fome aqui”, **disse** uma moradora da cidade sul-africana de Durban que se sentiu motivada a fazer parte das ações em julho. As manifestações, assim como os novos dados divulgados pela ONU e Fundo Monetário Internacional, colocam a fome novamente na pauta global.

Inúmeras agências internacionais publicaram boletins com conclusões similares, mostrando que o impacto da pandemia do novo coronavírus solidificou a tendência, que já era ascendente, do crescimento da fome e insegurança alimentar. Todavia, muitos boletins param por aí, deixando a sensação de que esta situação é inevitável e que serão as instituições internacionais, com seus créditos, empréstimos e programas de ajuda, que resolverão este dilema da humanidade.



Teodor Rotrekl (Tchecoslováquia), *sem título*, 1960s.

Mas a fome não é inevitável: é, como S'bu Zikode nos lembrou, uma decisão do capitalismo de colocar o lucro antes das pessoas, permitindo que setores da população global continuem com fome enquanto um terço de todos os alimentos produzidos são **desperdiçados**, enquanto o comércio é liberalizado e a especulação na produção e distribuição de alimentos criam graves distorções.



Jerzy Nowosielski (Polônia), *Lotnisko wielkie (Grande aeroporto)*, 1966.

Bilhões de pessoas lutam para manter as estruturas básicas da vida em um sistema de lucro que lhes nega as âncoras sociais necessárias. A fome e o analfabetismo evidenciam a tristeza esmagadora de nosso planeta. Não é à toa que tantas pessoas estão na estrada, refugiados de um tipo ou de outro, seja da fome ou das águas que sobem.

Só pela contagem da ONU, há agora **quase 83 milhões de pessoas deslocadas**, que – se todos vivessem no mesmo lugar – formariam o 17º país mais populoso do mundo. Este número não inclui os refugiados do clima – cuja situação não fará parte das discussões climáticas da COP 26 – nem inclui os milhões de deslocados internos que fogem de conflitos e convulsões econômicas.



Em 1971, o escritor nigeriano Chinua Achebe, abalado pela guerra em Biafra, publicou um poema chamado *Refugiado mãe e filho*, em seu livro de 1971, *Beware, Soul Brother*. A beleza deste poema perdura em nosso mundo miserável:

Nenhuma Madonna e o Menino poderiam tocar
aquela imagem da ternura de uma mãe

por um filho que ela logo teria que esquecer.

O ar estava pesado com odores

de diarreia de crianças sujas

com costelas desbotadas e traseiros

secos lutando em laboriosos

passos atrás de barrigas vazias inchadas. A maioria

das mães há muito haviam cessado

de preocupar-se, mas não esta; ela sustentava

um sorriso fantasma entre os dentes

e em seus olhos o fantasma do orgulho de

uma mãe enquanto penteava o cabelo cor de ferrugem

que restava em seu crânio e então –

cantando em seus olhos – começou cuidadosamente

a separá-los... Em outra vida este

teria sido um pequeno ato diário

sem consequência antes do

café da manhã e da escola; agora ela

o fazia como se colocasse flores

em uma pequena sepultura.

Um poderoso olhar para os sem-teto e famintos do campo e das cidades de nosso planeta, com revolta. Muitos prefeririam ser protegidos dessa visão por altos muros e guardas armados. O sentimento humano básico – que satura o poema de Achebe – é sufocado com grande esforço. Mas os sem-teto e os famintos são nossos semelhantes, outrora embalados nos braços de seus pais com ternura, amados da maneira como precisamos aprender a amar uns aos outros.

Cordialmente,

Vijay.